

“ELE” DE KAFKA: UMA LEITURA ARENDTIANA

Pedro Rhavel Teixeira (Doutorando em filosofia, PPGF/UFRJ)

Margareth Bravo (Bacheralanda em filosofia, UFRJ)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo realizar uma interpretação da leitura que Hannah Arendt faz da parábola “Ele” de Franz Kafka. A autora faz um uso peculiar do texto literário, extraíndo dele um sentido filosófico. Para além da mera filosofia, Hannah Arendt descobre que ela mesma fala a partir da perspectiva do personagem de Kafka, o que significa no contexto falar do mundo de dentro do mundo para o mundo entre duas forças infinitas: passado e futuro.

Palavras-chave: Hannah Arendt; Filosofia e literatura; Kafka.

ABSTRACT

This paper aims at realizing an interpretation of Hannah Arendt's reading from Kafka's parable named "He". The author does a peculiar use of literature text, getting from it a philosophical meaning. Beyond mere philosophy, Hannah Arendt discovers she speaks from the same point of Kafka's character, it means talking to world from inside the world itself between two infinite forces: past and future.

Keywords: Hannah Arendt, Philosophy and Literature, Kafka.

A parábola de Kafka é a seguinte:

Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro o ajuda na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém, é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite-, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários que lutam entre si. (KAFKA apud ARENT, p. 33, 2013.).

Hannah Arendt extrai seu fio condutor de *Entre o Passado e o Futuro* da parábola de Kafka. Talvez ela não tivesse percebido que ao fazer isso — além de fugir da obviedade dos modelos tradicionais de filosofia — também encontrava seu lugar no mundo. Quer dizer, encontra seu lugar de pensamento, ou melhor, a partir de onde pensar: do mundo mesmo. Todos os ensaios que compõem *Entre O passado e o futuro* carregam a característica de falar do mundo a partir de um lugar situado dentro dele mesmo. Se é verdade que todas as inquietações de Arendt estão sintetizadas nesta obra, é também verdade que sua inquietação advém desse fio condutor, que só é possível alcançar de dentro do mundo. Adotando uma perspectiva mundana, Arendt escreve seus ensaios como exercícios de pensamento, mas pensamento político como a própria autora descreve, já que surgem a partir da concretude de eventos políticos. Ainda assim são ensaios de um arcabouço teórico imenso. São tentativas de conciliar a teoria com um evento ocorrido no mundo. (ARENDR, 2013.).

Escreve a autora que os seis ensaios contidos no livro não são prescrições, modelos predeterminados ou mesmo a verdade sobre os acontecimentos. O que ela quer é adquirir a experiência de como pensar (ARENDR, 2013.). Examinar cada um dos seus ensaios constitui um afã enorme, pois é ter que examinar a obra completa de Arendt. Iremos nos ater aqui a examinar a parábola de Kafka e em como Hannah Arendt encontra nela um apoio para iniciar suas experiências de pensamento, que se materializam no mundo em forma de ensaios. A questão de posicionamento começa a partir da trajetória de vida de Arendt. Judia, em meio ao turbuloso século XX e seus episódios violentos de antissemitismo, a autora se sente desapontada com seus pares filósofos e intelectuais que aderiram ao nazismo. Heidegger, em especial, ocupa um lugar central neste descontentamento. (BRUEHL, 1997.)

Como judia, Hannah Arendt não teve destino distinto dos demais judeus de sua época: foge do campo de concentração em Paris, exila-se em Lisboa e depois consegue ir para os Estados Unidos, onde escreve a maior parte de sua obra. O descontentamento arendtiano parte de um aparente paradoxo. Heidegger, um grande filósofo, é ele mesmo capaz de aderir a um partido violento, fazer uma escolha absolutamente equivocada. É bem verdade que a política não se situa no território da verdade, e isso ficou claro para Arendt em sua própria experiência vivida, mas seu descontentamento subsiste com razão de ser. Indaga-se então sobre a natureza da própria filosofia. Se ela não nos serve para fazer boas escolhas, para que então? Arendt descobre então o conflito entre filosofia e política, que culmina na forja do termo filosofia política. Descobre também que não quer estar entre tais filósofos que abdicam do mundo em detrimento da eternidade das verdades metafísicas. Diferente de Platão, Hannah Arendt não quer sair da *polis*. Ela

quer pensar a *polis* a partir de dentro dela. Daí sua inquietação, pois, como compreende a pensadora, não é possível dizer verdades sobre a política. Esta atividade humana é território da ação, do discurso e da *dóxa*, aqui entendida tanto quanto fama – para quem aparece acima dos outros e em meio deles – quanto como opinião. (ARENDDT, 2011.)

O problema da verdade e da opinião se dá no texto a partir da demarcação de diferenças cruciais entre elas, dando a cada uma o seu campo de atuação. Então na política, onde os homens, por ações e palavras, aparecem uns aos outros em um princípio de igualdade. Onde a isonomia reina a única opção é a de convencer, seja pela retórica, pela argumentação, o território da política tem e deve permanecer entre pares iguais. Qualquer hierarquia minaria sua própria proposta como atividade humana, que visa, como Aristóteles afirmou, organizar todas as demais atividades feitas pelos homens. Não são formas de governo, teorias do estado, ou a chamada ciência política que Arendt compreende como política, mas sim uma atividade humana que pressupõe feitos e palavras entre homens que se forcem iguais, uma vez que são diferentes e singulares, põe-se então com isônomos para justamente para resolver ou conciliar suas diferenças (ARENDDT, 2002.).

É, então, assumindo a existência de uma tensão entre filosofia e política é que Hannah Arendt escreve. A partir desta constatação a autora se inquieta e produz obras tentando resolver uma lacuna deixada por Heidegger. Esta lacuna, diferente do lapso de tempo em *Entre o Passado e o Futuro*, é o *mitsein*. Arendt percebe que o ser-com é um campo a explorar deixado pelo filósofo alemão, Arendt percebe esta lacuna em sua obra e em seu afã tenta dar conta desse ser-com os outros. O texto que começa a responder essa lacuna é, sem dúvidas, *A Condição Humana*, onde, a partir de uma distinção fenomenológica, Arendt distingue as atividades humanas pertencentes à *vita activa*, a saber, trabalho, obra e ação. (ARENDDT, 2011.) Mas por que esta questão, a questão do ser-com (*mitsein*), surge nesse texto que tem por objetivo compreender o Ele de Kafka? É porque tais elementos, tanto biográficos, quanto conceituais, demonstram, ou melhor, são evidência do lugar de onde Arendt escreve e quer escrever.

É o *mitsein*, tal como Simone de Beauvoir, sobre o que Hannah Arendt busca escrever e acima de tudo compreender, sendo este um termo crucial para o entendimento de sua obra enquanto empreendimento filosófico/pensativo. É por ser encontrar, tal como o Ele, atormentada pelas forças do passado e do futuro e por entendê-las não só como sua própria condição de pensadora, mas como uma condição geral humana, e particularmente evidente no homem moderno, que a autora utiliza a parábola de Kafka como prefácio. Arendt sabe que não é possível encontrar uma solução eterna e exterior ao mundo para entendê-lo. Nem mesmo está interessada em afirmar verdades absolutas, uma vez que, no que tange o mundo, não é legítimo, porém possível, concebê-las, na medida que o mundo hoje é um mundo político e não mais um planeta perdido onde criaturas nascem e morrem sem modificá-lo e discuti-lo (ARENDDT, 2011.).

Antes de retornarmos a Kafka, deparamo-nos com um trecho no prólogo da coletânea de ensaios *Responsabilidade e Julgamento*. Para Arendt, as metáforas são “o pão de cada dia de todo pensamento conceitual” (p. 73, 2004b.). A autora realiza uma explicação a respeito das metáforas, utilizando metalinguagem. Ela fala das metáforas com metáforas, para enfim tentar compreendê-las como chaves de entendimento para o que ela chama de pensamento conceitual. Através de analogias entre imagens que em

princípio não possuem relações, algo se explicita. Basta explicar o próprio trecho da autora. A metáfora seria o sustento do pensamento conceitual, sem o qual ele sequer pode ser concebido. O trecho talvez nos diga mais a respeito de como opera o espírito (*mind*) do que nos dê indícios exatos sobre a interpretação arendtiana de Kafka. O fato é: Arendt se vale de metáforas para propor suas próprias questões. No âmbito da linguagem, ela escolhe um elemento comumente encontrado na literatura e no cotidiano. Isto é então indício daquilo que se está tentando ser provado, de que a pensadora judia alemã escolheu falar a partir de dentro do mundo. A questão da metáfora é importante pois deixa evidente a proposta de Arendt que distoa das filosofias analíticas que tentam reduzir problemas e questões a fórmulas.

Deixou-nos René Char a seguinte sentença: “*notre héritage n'est précédé d'aucun testament*”. O que fazer com o tesouro? Aliás, do que trata o tesouro e no que um testamento nos seria útil? A peculiaridade aqui é que as noções não são claras, pois partem da literatura, ou melhor, especificamente de uma metáfora. O tesouro das revoluções, que não pode ser nomeado e não possui nenhuma materialidade (ARENDR, 2011.), não poderia ser concebido de outra forma senão em uma figura de linguagem. Parte do afã de Hannah Arendt é provar que aquilo que Char descobriu ser um tesouro é de fato um tesouro; ou seja, algo valioso, precioso e que, devido às suas características, deve ser mantido. A questão então é posta a partir de uma metáfora, mas por quê? O que há de peculiar na metáfora, que faz incidirem sobre o pensamento profundas reflexões?

Uma tentativa de responder esta questão está em *A Condição Humana* (ARENDR, 1989.) na sessão sobre a arte.

Retomando o fio condutor de nossa reflexão, evoca-se a parábola escrita por Kafka e tão apreciada por Hannah Arendt, no prefácio de *Entre o Passado e o Futuro*. A parábola em questão é capaz de iluminar um determinado acontecimento não no sentido vago de clareá-lo, mas, como uma radiografia, revelar sua estrutura íntima (ARENDR, p. 33, 2011.). O enredo da parábola consiste em haver dois adversários relativos a um “Ele”: o primeiro acossa-o de origem e o segundo bloqueia-lhe o caminho da frente. O primeiro acaba por ajudá-lo a derrotar o segundo empurrando-o para frente; já o segundo auxilia-o a combater o primeiro, já que o empurra para trás. O sonho do Ele de Kafka seria o de ser lançado ao ar fora da linha de combate para, com sua experiência de luta, poder ser o juiz da querela posta.

O que Arendt pretende ao tomar esta parábola como fio condutor é mostrar a ambiguidade da condição em que os humanos realizam suas ações. São como o Ele diante de uma tensão dupla, e estando exatamente no meio não podem exercer um julgamento que não seja parcial. Ao estar no mundo agindo, não se está pensando ou julgando. Estas atividades não estão em plena conciliação. O fenômeno só irá ocorrer quando o espírito se reconciliar com o mundo, conforme Hegel traduz em sua obra, e isso só se dá após a ação ter transcorrido e seus efeitos absolutamente imprevisíveis terem se tornado parte concreta da realidade do mundo. Só por meio da compreensão, que é o modo pelo qual a mente entra em acordo com o mundo, é possível estar em paz com ele.

Se, como escreveu René Char, a nossa herança nos foi deixada sem testamento, é porque somos todos como o Ele de Kafka, lançados no meio de uma tensão plena que não nos permite avaliar de imediato aquilo que escorre pelas próprias mãos. O testamento não cumpre o seu papel de outorgar direitos às gerações futuras, porque nem se sabe a qual tesouro ele se refere. Talvez fosse possível realizar um

inventário do ocorrido, só que esta ação já seria posterior a outra e poderia então se entender o próprio inventário como uma prestação de contas que propõe-se a si mesmo e aos demais herdeiros. Só que isto só pode ocorrer num momento em que a ação já se deu, ou seja, só serviria como forma de compreensão e não de pensamento para a ação. A herança inominável é o que é deixado pelas revoluções, quando um grupo de seres plurais resolve partilhar suas experiências, discuti-las e depois buscar um acordo. O caso de Char envolve a resistência francesa diante da ocupação nazista. Reuniram-se todos os tipos de pessoas que anteriormente abdicaram da política, outorgando-a aos seus profissionais, esquecendo-se de sua dimensão comum e plural, necessária para que de fato seja política, no sentido resgatado por Hannah Arendt, e não um exercício de poder. Tais agentes, como Char, Sartre, Camus e Simone de Beauvoir, realizam o próprio tesouro que receberam sem testamento: a atividade política por excelência.

Essa geração, que posteriormente foi chamada de existencialista, por recusar os impasses da filosofia moderna, foi capaz de conciliar a atividade intelectual com a ação. Arendt, que durante os anos 30 nutria um certo desprezo por Sartre, dizendo que suas ideias eram, no mínimo, tão velhas quanto as de Nietzsche (ARENDR, 2008a.), cita-o em *Entre o Passado e o Futuro* respeitosamente, sem deixar transparecer o desdém que nutria. O filósofo existencialista é como o próprio Ele de Kafka; pensa a partir de duas tensões inevitáveis. Aspira a superá-las e assim ter um veredicto justo, mas sabe de sua limitação e então com todo seu espírito lança-se ao pensamento, na tentativa de tentar compreender o que se passa.

Neste sentido, poderíamos apontar um aspecto existencialista na obra de Hannah Arendt. Ela pensa a partir desta tensão inevitável. Como diríamos no vocabulário beauvoiriano, diferente dos filósofos que tentaram mascarar a ambiguidade como situação humana, Hannah Arendt a assume como seu local de pensamento. Isto é claro no prefácio ao qual fazemos referência e estamos estudando, e ainda mais claro quando a pensadora recusa o título de filósofa, por pressupor que isso a colocaria em uma esfera fora do mundo. Arendt, em sua coragem de pensamento, não nega o laborioso afã que é partir deste local para pensar. Enfrenta-o e incorre no risco do fracasso ou da má compreensão. *Eichmann em Jerusalém* é talvez sua obra-testemunho que representa justamente a incompreensão e a injustiça diante do pensamento da autora, tendo sido traduzida para língua hebraica só em 1999.

Voltando-se para as questões do prefácio se encontra a resposta para a questão do tesouro sem testamento. O tesouro das revoluções é justamente a capacidade de sujeitos plurais se reunirem em conjunto para discutir, debater sem quaisquer hierarquias. A palavra é o meio pelo qual o evento ocorre, ou seja, através de uma discussão; de um debate, o discurso o âmbito. Aqui se encontra a igualdade, uma vez que, mesmo com os artifícios retóricos, é necessário convencer um ao outro sem nenhum poder imposto. É neste território de igualdade que se armou a resistência francesa diante de uma ameaça nunca antes vista: o nazismo. As análises arendtianas posteriores irão chegar à tese da Banalidade do Mal; contudo este é um outro assunto e aqui parece prudente retomar as considerações da autora sobre Kafka, na medida em que são cruciais, ou melhor, se trata do nosso objetivo.

A parábola de Kafka serve a Arendt como uma alegoria do pensamento. Isto quer dizer: como uma imagem do pensamento, um exemplo vivo e quase material desta atividade espiritual tão rica para Arendt que é objeto de atenção de uma obra inteira, a saber, o primeiro livro dos três de *A Vida do Espírito*. O pensamento se trata de uma atividade, como dito, é o diálogo silencioso que faço do mim comigo mesmo

ou do eu comigo. Ela utiliza a metáfora, uma figura de linguagem, para ilustrar não uma tese filosófica, mas para expor uma atividade espiritual humana. O uso de imagens na tentativa de elaborar um conceito, se o pensamento pode ser apreendido mais propriamente através de conceitos, é uma forma de fugir do tradicional tratado filosófico, que impõe uma série de cadeias argumentativas, formuladas a partir de implicações lógicas. (ARENDDT, 2010.).

O Ele de Kafka está diante de duas forças: o passado e o futuro. Dentro desta condição, não dada por natureza ou essência, é que Ele pode agir e posteriormente pensar. O que seria esta condição senão a ambiguidade postulada por Beauvoir em sua filosofia? É do seio do mundo que Ele surge como potência, vontade e pensamento. Agente do enredo do mundo, ele sente que precisa se retirar, quase em uma posição angelical de poder olhar do alto o contexto no qual está inserido. Isto, contudo, não é possível. Vimos no primeiro capítulo que, de acordo com Beauvoir, a dialética do em si e do para si não se realiza. A posição angelical, que seria a síntese dessa dialética, ou seja, sua realização, não ocorre. Então, encara-se o mundo dentro dele sem uma metafísica geral capaz de descrever a verdade sobre ele.

De acordo com Arendt, se por um apelo nos fosse imputado escrever a história de um período histórico, seria melhor fugir da forma linear de apresentar os fatos em uma narrativa cronológica e factual (2013.). Melhor seria a metáfora. Metáfora do que ocorreu aos seres em pensamento e consciência, mostrando então um vislumbre do que de fato ocorreu no fundo do espírito e revelou-se no mundo em ação. Ver-se-ia a mente do leitor em um duplo movimento, do pensamento para a ação e da ação para o pensamento. Convocado, ainda que em imaginação, a participar do desenrolar dos fatos e participando da narrativa conduzida com maestria pelas mãos do autor, poderia então ter um vislumbre da lacuna espacial de um determinado passado. Tal como Beauvoir, o leitor é convocado para participar do enredo como um outro, um *outsider* que terá que emitir um juízo acerca daquilo que assiste, ou melhor, lê e imagina.

O enigmático Kafka, após quase um século da publicação de sua obra, possui a destreza necessária para tecer em suas obras o que Arendt chama de evento-pensamento. O Ele, envolto entre o passado e o futuro como duas forças naturais, está em uma batalha, onde o passado, ao lembrar-lhe de suas origens, o empurra para o futuro, e o futuro é que o impele de volta ao passado. Ele, então, neste tempo que não é o presente, mas uma lacuna de tempo, cuja existência depende desta luta constante, realiza-se dentro deste fluxo indiferente. É sendo parte deste fluxo e não estando fora dele que se pode compreender o mundo, ao contrário da tradição iniciada por Parmênides, e em Descartes revelada em um sonho, e em Hegel, em uma esfera supra-sensível. Ao contrário, o pensamento está no mundo e não fora dele. O Ele então só se realiza em movimento; na medida em que batalha é que poder ser Ele um alguém.

O Ele, diante de duas forças, vê-se levado a ir por uma diagonal rumo ao alto, com efeito, se continuasse a subir poderia chegar a uma espécie de céu onde deslumbraria a realidade como um deus absoluto. A origem da força que elevaria o Ele por esta diagonal se sabe, e o futuro que determinaria uma direção nos escapa dentro deste ângulo fugidioso. Eis então a metáfora perfeita para o pensamento: aquilo cuja origem se sabe enquanto força e pela sombra do futuro é direcionado, mas escapa de ambos os destinos. Contudo, esta diagonal, que nos serviria para em algum ponto julgar com a posição do juiz, só ocorre em teoria. O processo de exaustão causado ao Ele o faria sucumbir e é justamente por esse motivo que as metáforas têm sentido somente aplicadas a fenômenos espirituais, pois na história nunca se alcança

esta posição absoluta. O Ele de Kafka se afirma como Ele na medida em que pensa e devido ao caráter atemporal do pensamento é um Ele, um agente, e não somente um alguém. Na medida em que consegue elaborar, narrar e dar sentido à própria história ou estória.

O Ele de Kafka é aquele ser que se realiza ao fazer falta de ser. O passado representa aquilo que fui, então como uma base sólida daquilo que já construí me empurra para frente, para aquilo que eu posso ser. O futuro é aquilo que me falta. O ser que me faz falta, a contingência de uma realização, por isso me joga para trás pois não me apresenta garantias. Não seria esta a descrição que Simone de Beauvoir faz do homem em *Por Uma Moral da Ambiguidade?* A similaridade se dá também no vocabulário (2004.). Passado e futuro, Deus, esfera extra-mundo ou suprassensível. Os termos são encontrados nas obras das duas pensadoras para descrever um fenômeno peculiar, ou melhor, uma situação peculiar que só o homem experimenta.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Odilio Alves. **Pensamento e Narração em Hannah Arendt in Hannah Arendt - Diálogos, reflexões, memórias.** Organizado por Eduardo Jardim de Moraes e Newtom Bignotto. Belo Horizonte, Editora UFMG: 2003.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Tradução de Adriano Correia. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1989.

_____. **Compreender - Formação, exílio e totalitarismo.** Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008b.

_____. **Crises of the Republic.** Nova Iorque: Harcourt, 1972.

_____. **Entre o passado e o futuro.** Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

_____. **The Hannah Arendt Papers at the Library of Congress.** Disponível em: <<http://memory.loc.gov/ammem/arendhtml/arendthome.html>>. Acesso em 26 de maio de 2015.

_____. **Homens em Tempos Sombrios.** Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008a.

_____. **As Origens do Totalitarismo.** Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

_____. **O que é Política?.** Tradução de Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004a.

_____. **Responsabilidade e Julgamento.** Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.

_____. **Sobre a Revolução.** Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **A Vida do Espírito.** Tradução de Cesar Augusto de Almeida, Antonio Abranches e Helena Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010a.

- _____. **Vita activa oder vom tätigen Leben.** Munique e Zurique: Piper Taschenbuch, 2007.
- AUERBACH, Erich. **Mímesis - A Representação da Realidade na Literatura Ocidental.** Tradução da Equipe Perspectiva. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Convidada.** Tradução de Vítor Ramos. Editora Círculo do Livro: São Paulo, 1976.
- _____. **A força das coisas.** Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.
- _____. **Na força da Idade.** vol. I. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.
- _____. Literatura e Metafísica. In: **O existencialismo e a Sabedoria das Nações.** Tradução de Manuel de Lima e Bruno da Ponte. Porto: Editora Minotauro, 1965.
- _____. **Por uma Moral da Ambiguidade.** Tradução de Sergio Milliet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2005.
- _____. **O Segundo Sexo.** vol I. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970a.
- _____. **O Segundo Sexo.** vol II. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970b.
- _____. **The Second Sex 25 years later.** Society, Vol.13(2) (Janeiro-Fevereiro), 1976.
- BRUEHL, Elizabeth Young. **Por Amor ao Mundo - A Vida e Obra de Hannah Arendt.** Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997.
- CALADO, Eliana. **Literatura como Projeto Existencial: A trajetória da escritora Simone de Beauvoir em sua narrativa autobiográfica.** Revista Graphos - João Pessoa vol. 13 - n. 2. 2011.
- HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito** – Parte 1. Tradução de Paulo Meneses e Karl-Heinz Effen. Editora Vozes: Petrópolis, 1992.
- KATZ, Juliana Albuquerque. **Simone de Beauvoir's Case for Philosophical Autonomy and the Possibilities within the metaphysical novel.** Sapere Aude – Belo Horizonte, v.3 - n.6, p.136-147 – 2o sem. 2012.
- KRISTEVA, Julia. **Hannah Arendt: Life Is a Narrative.** Toronto: Editora da Universidade de Toronto, 2001.
- LÄFER, Celso. **Experiência, ação e narrativa: reflexões sobre um curso de Hannah Arendt.** Estudos Avançados. vol.21 no.60 São Paulo: Maio/Agosto, 2007.
- PONTY, Maurice Merleau. **Fenomenologia da Percepção.** Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Editora Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- POUND, Ezra. **ABC of Reading.** Boston e Londres: Editora faber and faber, 1991.
- SARTRE, Jean-Paul. **O Ser e o Nada.** Tradução e notas de Paulo Perdigão. Editora Vozes: Petrópolis, 2011.
- SIMMONS, Margaret. **Simone de Beauvoir: An Interview.** Feminist Studies, Vol. 5, No. 2 (Verão, 1979).
- _____. **Two Interviews with Simone de Beauvoir.** Hypatia vol. 3, no. 3 (Inverno, 1989).

SHAKESPEARE, William. **A Tempestade**. Edição bilíngue. Tradução de Rafael Raffaelli. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

SJÖHOLM, Cecilia. **Doing Aesthetics with Arendt - How to See Things**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2015.

Submetido à publicação em 17 de fevereiro de 2017.

Aprovado em 11 de abril de 2017.